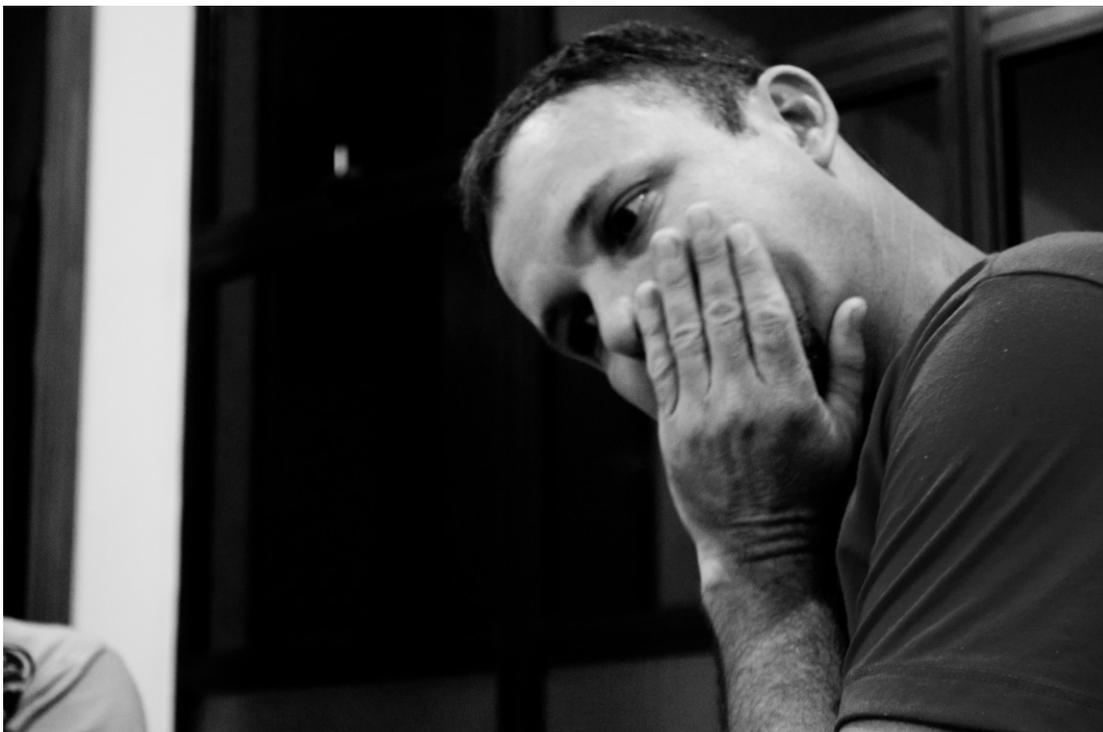


CONTRADITO entrevista

vagner ribeiro

[adriano lobão aragão , alfredo werney , assunção almondes , éverton diego , laís romero , luciana rodrigues]
Fotografias e participação especial de danilo medeiros



Vagner Ribeiro nasceu em Piripiri, PI, em 1973. Filho de Elias Ribeiro, um conhecido quitandeiro da Rua de Cima, em Piripiri. Em sua trajetória artística e profissional, Vagner foi, dentre outras coisas, regente do Coral da Escola de Música de Teresina de 1999 a 2008; educador musical no Colégio Diocesano de 1997 a 2012; cantor (tenor) do Grupo Ensaio Vocal desde 2002; professor do IFPI. Como líder da banda “Valor de PI” Vagner Ribeiro tem-se apresentado com o espetáculo “O Piauí Contando História”. Neste trabalho o compositor interpreta músicas próprias, resgata, fomenta e divulga valores da cultura piauiense, elementos presentes nas tradições populares como Reisado, Divino, Roda de São Gonçalo, Poesia Cabocla, Filosofia Popular, enfim, uma pesquisa musical fundamentada nas manifestações culturais.

Adriano – Como é que nasceu o músico Wagner Ribeiro?

Wagner – Bom, na verdade, eu nunca imaginei que fosse ser músico. Na minha família, a única herança de música foi a do meu avô, que tocava violão de uma forma muito comum no interior do nordeste, assim que o cara usa só o dedão de bordão [gesticula], e daí faz uma... ele tocava. Tocava solando, inclusive, né? Não cantava.

Adriano – Onde era?

Wagner – Em Piripiri, uma cidade onde eu nasci. É... Então assim, eu o vi tocar muitas vezes, né. E aprendi a ouvir música com ele. Ele chamava-se Antônio Coutinho. E depois um filho dele, que é mais músico, que foi um contrabaixista, tocou em circo, no Alacazan, essa coisa de... Imagine um garoto vendo um tio dele tocando num circo, aquela coisa do cara que vai embora com o circo... Isso pira minha cabeça. Quer dizer, é um sonho de qualquer criança.

Adriano – Como se fosse uma coisa mágica?

Wagner – É. Então assim, ele fugiu com o circo. Acho que todo menino de interior tem vontade de ir com circo, né? Aí esse meu tio fez isso. Foi pro Recife, foi pro Pernambuco. Eu via nas fotos, e eu achava aquilo fantástico. Hoje, sou muito amigo dele, mas, é interessante, já é ele quem tem esse orgulho que eu tinha de ser sobrinho dele. É bacana. Inverteu-se um pouco o papel, pela exposição que eu tenho, mas a minha admiração por ele continua e eu acho que ele toca violão muito bem. Ele é um cara que prima muito pelo som. Então eu aprendi a ouvir música com ele. Engraçado que às vezes, quando ele tava tocando, e ele tocava muito essa coisa de violão... Dilermano Reis, esses brasileiros do violão instrumental mesmo, e às vezes eu me empolgava e, como menino, ficava batendo assim, tentando entrar no ritmo, e

ele: “não, não, não, não... a música já tá feita, é só pra ouvir”, e eu ficava “poxa, que massa” [risos]. Então a minha herança de músico veio dele. Mas eu não pensava em ser músico. Acontece que eu acho que o nome da pessoa segue a pessoa no mundo e acaba influenciando. Eu acho. O fato do meu nome ter Wagner no meio, por incrível que pareça, eu recebi de muitas pessoas, de quando em vez, alguém dizer assim: “ah, Wagner é o nome de um músico”, e eu acho que essa bomba me influenciou um pouco, sabe? [risos] É engraçado. E, na verdade, me vi músico mesmo quando eu fiz uma experiência na Europa, que decidi voltar pro Brasil e me perguntaram: “o que você vai fazer no Brasil?” Foi crucial.

Adriano – Peraí. Então, em vez de fugir com o circo, tu fugiu pro exterior? É isso?

Wagner – Foi. Mas foi uma fuga muito, assim, já quase uma conquista, porque foi um convite, foi assim uma... foi um mérito, tipo “ah, ele pode ir, era um cara evidente, assim, um jovem evidente”, tipo “faz um programa na rádio, lia, tocava violão”, então eu era um sujeito promissor... [risos] socialmente. E aí me convidaram, me indicaram, e eu fui. Passei um ano.

Adriano – Com qual idade?

Wagner – Dezoito anos. Muito jovem, né?, pra sair do país. Tive inclusive que pegar autorização na Polícia Federal. Fui barrado, porque não tinha pistolão. Eu lá sozinho. Foi a maior encrenca do mundo.

Adriano – Já falava algum outro idioma?

Wagner – Claro que não. [risos] Mas eu mentia... O cara que me mandou, ele é um suíço, inclusive é uma figura maravilhosa, tocava violão, cantava também, morava em Alagoinhas, na Bahia, onde eu o conheci. E ele me disse uma coisa: “Olha, Wagner, você consegue pelo menos dizer ‘eu sou o Wagner

do Brasil?” e eu disse “claro” e treinei esse intróito de dizer “I am Antônio from Brazil”, essa coisa básica, e fui enrolando todo mundo.

Adriano – Mas é Vagner ou Antônio?

Vagner – Então... Antônio Vagner Ribeiro Lima.



Adriano – Era assim que você se apresentava na época?

Vagner – O nome completo é esse. Quando fui para Europa, era Vagner o nome que as pessoas aqui no Brasil gostavam mais de chamar, mas lá na Europa era Antônio, que achavam mais bonito e mais lógico, porque Vagner é sobrenome lá na Alemanha, né. Então assim, quando eu falava que era Vagner, eles ficavam, tipo, “mas Vagner é sobrenome”, aí eu falava “Antônio”, e eles “Oh, Antônio... bonito”, aí eu passei a usar. Como sempre onde eu viajei eu tentava entrar na... na... me adaptar mesmo, assim, quando disseram “é muito melhor Antônio”, eu falei “ótimo”. Então vamos, e eu passei a ser Antônio. Pra mim também foi interessante essa experiência de viver um personagem, de viver uma outra história, eu tive muito isso, uma coisa muito teatral real. Então lá na Europa fui Antônio pra cima e pra baixo.

Adriano – Onde mesmo na Europa?

Vagner – Morando na França, mas eu trabalhei em vários países. Foi muito interessante. O meu visto era um visto especial, que eu só podia ficar três meses na França e depois tinha que sair. Então isso me deu margem para ter que sair. Que bom. Então assim, antes de vencer esse prazo de três meses, eu fui pra Barcelona, fiz um trabalho lá, mandado pelo pessoal lá da França. Depois fui pra Romênia, que foi assim bem interessante, uma cultura totalmente louca na Europa, né. Cortina de Ferro, a idéia de Europa rica lá não tinha, que a Romênia viveu horrores com a ditadura de Ceuasesco. Passei um tempão na Romênia, visitei todas as cidades, praticamente. Conheci melhor que o Brasil. Aí voltei pra França, depois fui de novo, numa outra vez, foi muito legal, porque tem um aprendizado. Quando eu fui... morrendo de medo... medo mesmo... eu tremia no trem, de frio e ao mesmo tempo de medo. O guarda pensava que era só frio, mas era também medo.

Adriano – Medo de algo assim como um aliciamento?

Vagner - Não... [risos] Eu tinha medo de ser preso. Porque a Romênia, politicamente, era muito confusa. Tinha uma parte da Romênia que era húngara, e naquelas guerras aí, o Império Austro-Húngaro... o que eu sei é que ficou romena. Aí você imagina, você sabe o que é você chegar na casa de alguém que falava húngaro e agora tem que falar romeno? Totalmente diferente, né, os idiomas. Pra mim foi tudo aprendendo já usando, e causava um pouco de medo, mas ao mesmo tempo foi bem interessante.

Laís – Você falou de circo, dessa vivência na infância, e eu lembrei que a Romênia é, de um certo modo, estigmatizada pelos ciganos. Você teve alguma experiência assim parecida...

Vagner – Não. Assim, a Romênia é muito especial, sabe? Um povo carinhoso, sabe, o sofrimento tem suas... o fato deles terem ficado muito tempo sem liberdade de expressão, eles acabaram por se unirem mais, tipo “vamos fazer a festa da nossa oitava série do ano tal”, então aquele grupo ficou tipo hoje essas comunidades virtuais que tentam se reunir, eles faziam isso no real. Doutra forma não tinha como se reunir, né? Então, na Romênia, o que eu pude ver era um carinho mesmo, um calor misturado com medo. “Parece que nós ainda não estamos livres”, então eu acho que eu fui muito bem recebido lá. Um lado da Romênia que eu achei interessante, o lado musical, muita cultura assim, a simbologia, porque lá tem... o ortodoxismo é grande lá, na religião. Na época, 80% era ortodoxa, e o mundo ortodoxo é muito, assim, mágico, sabe? Bizantino. Você entra numa igreja, sei lá, com tudo de ouro, ícones, e eu ficava, assim, bestificado. Uma vez eu cheguei numa igreja e coloquei assim os braços [cruza os braços] e fiquei, aí o cara: “não, não, Antônio, não pode”, e eu falei “ah, não pode?”. Não podia, então eu botei as mãos no bolso, e ele “não, também não pode” [risos], aí eu falei “agora lascou” [risos]. Literalmente eu não sei onde ponho as mãos. Mas foi assim uma reflexão grande, sobretudo pela simbologia. Eu tirei algumas fotos, mas todas as fotos que eu tirava era pra dizer uma história. Porque eu tava como um menino descobrindo o mundo. Então, no cemitério, a cova do homem era em forma de cruz, a da mulher era na forma de um arco, assim [gesticula], e eu achava aquilo interessante. Por que tem diferença? Porque aqui ninguém tá nem aí. E eu achava legal isso.

Adriano – E por que essa diferença?

Vagner – Ah, eu descobri que era diferente, mas não descobri por quê. [risos] E as velas... Eu tô falando desse universo porque eu tenho essa lembrança: “velas para os vivos”, e outra, “velas para os mortos”. Engraçado né?

Adriano – Apesar de ter uma vivência no exterior, seu trabalho é desenvolvido a partir de um olhar voltado para o regionalismo, para um sentimento de valorização de cultura popular piauiense. Ter vivido fora do Brasil interferiu nesse direcionamento?

Vagner – Acho que interferiu para eu me imbricar mais ainda. O fato de eu ter vivido em países muito ricos também, porque tive depois na Alemanha... Assim, o fato de conhecer culturas super-distantes ou ricas me fez pensar mais ainda no meu rincão. Sabe, eu fiquei pensando, pra exemplificar: “esse pessoal aqui tem a cultura deles, e é tão legal conhecer essa cultura deles, então quando eles forem lá pro Brasil, acho que eles querem conhecer aquela cultura lá.” Isso é lógico, né? Quem saca de cultura sabe que é isso. A universalidade da cultura, já foi falado que é cantar a aldeia.

Adriano – Não foi porque você estava lá morrendo de frio e pensou: “ô Piauí quente, que saudade...”?

Vagner – Não, pelo contrário. Eu adorei minha época de Europa. Adorei mesmo. Não tive problema nenhum, em nenhuma hora. Soube me colocar, não invadi nenhum espaço onde eu não era bem vindo, e eu acho que fui muito bem recebido até. Nos primeiros meses na França, eu sonhava voltando ao Brasil e acordava triste, porque ainda não tinha aproveitado o suficiente. “Poxa, já voltei?” Aí quando eu via o teto, um teto de madeira, eu dizia “ah, ainda tô aqui, que beleza!” porque eu ainda tava aproveitando. Agora, perto de um ano, eu disse “eu tenho que ir embora”. E eu decidi, e eles queriam que eu ficasse. Imagine que eu tinha sido convidado a ser monge num mosteiro, o que era uma coisa grande.

Adriano – E não foi?!

Vagner – Claro que não, né? [risos] Então eu falei assim, “tenho que voltar pro Brasil”, e aí o Frei Rogê, que foi a figura mais importante que eu conheci

lá, que era um monge prior dessa comunidade que hoje é muito grande aí na Europa, ele me deu um almoço na minha despedida, e ele fez essa pergunta: “Antônio, o que você vai fazer no Brasil?”, e eu: “Frei Rogê, eu vou estudar”. Aí ele disse “Estudar o quê?”, E eu respondi: “a música”. E eu falei naturalmente, e acho que eu tava blefando um pouco; mas não, porque acabou sendo. [risos] Aí eu voltei de fato.



Alfredo – Tem um escritor português chamado Eduardo Moreno, um grande crítico. Ele dizia que uma pessoa só amadurece quando ela tem um olhar exterior à cultura dela. Aí eu te pergunto, você tem um olhar ao mesmo tempo interior e exterior do Piauí?

Vagner - Muito bem colocado, porque você pegou o que eu tentei dizer. Quando eu saí do Piauí, eu vi melhor o Piauí. Você sabe o que é sentir banzo? Eu senti banzo morrendo de saudade de umas coisas que pra mim só tiveram valor lá. Então eu sofri um pouco, assim. Até porque eu acho que eu era muito austero comigo mesmo. Não levei foto de ninguém, não tinha esse negócio. A minha família é muito amorosa, mas nunca ninguém teve essa coisa de carinho demais, sabe? Abraço de pai, de mãe, não rolava não. E aí o

que é que acontece, quando eu fui embora, derramando choro de despedida, mas eu não levei foto de ninguém. Não levei nada, porque não era praxe, não era costume. Quando eu cheguei lá que eu vi os caras que estavam na mesma situação que eu, vivendo num país muito distante, e ficavam [gesticula]: “olha, aqui é a minha família”, aí bateu! “Caralho, que ser humano sou eu? Não tenho foto de ninguém”...

Alfredo – Mas parece um contraste, porque geralmente a gente pensa no europeu como um povo mais frio e o brasileiro como um povo mais caloroso.

Vagner – Não, mas o pessoal que eu to falando também não era europeu não. Eu morei na Europa com indianos, com indonésios, com filipinos, sobretudo com pessoas da Ásia e da África, também. Foi muito legal essa convivência lá porque, estando na Europa, eu convivia com os europeus, mas eu morava com africanos, com pessoas que talvez tivessem a mesma situação que eu vivia no Brasil. Viver problemas sociais, de também se surpreender com a, eu diria [hesitante], situação melhorada que os europeus têm de alimentação, de qualidade de vida mesmo. Isso me chocou. Até a comida me chocou. Me chocou, assim, quer dizer, eu adorava, mas quando eu pensava que no almoço normal eu tinha uma sequência de coisas que eram servidas, isso comum, sem esbanjar, sem ser opulento. Era assim, tinha comida quente, tinha salada, tinha o queijo, tinha o biscoito, a sobremesa, isso no almoço normal. Eu falava, “poxa, às vezes lá em casa...”

Adriano – Cadê o sarapatel? Cadê a feijoada?

Vagner – [risos] Não, era bem assim, “... a gente comia um prato de arroz com um pedaço de bife em cima e achava que era rei.” Isso me deu uma revolta meio, assim, tipo “tão nos roubando!” [risos]

Alfredo – Certo, mas a partir de tudo isso, o seu olhar de fora vê algum modo de ser piauiense, alguma maneira específica de fazer cultura piauiense, tipicamente piauiense?

Vagner – Não. O que me deu foi mais certeza de não ter medo de ser esse piauiense, e de dizer: “realmente isso aqui tem valor”, mesmo que eu não saiba nem dizer na hora assim como eu te falei. Olhar de fora é mais fácil. Se você via num ambiente que tá cheirando mal, você se acostuma com o cheiro mau. Quando alguém entra naquela sala com ar-condicionado que tá muito carregado, aí o cara diz: “pô, mas aqui tá carregado”, só que quem tá dentro não tá notando não, porque a gente vai se adaptando. Então, é bem aí que é importante a gente viajar, cara. Eu acho que viajar tanto na leitura quanto fisicamente mesmo, porque você acaba tendo uma outra visão mesmo. E o legal foi que eu não me sucumbi à ideia europeia. Eu achei bacana isso, porque eu tava lá, curti, aprendi com toda a humildade a viver o local e a respeitar o ser humano. Lá eu vi, claro, muita coisa que me dava, assim... culturas... muito diferentes...

Alfredo – Mas do ponto de vista musical? Interferiu na sua prática aqui no Piauí?

Vagner – Não. Musicalmente não. Musicalmente não, porque a minha música foi aprendida aqui, e depois quando eu fui estudar música de fato também já foi aqui. Lá, eu tocava violão, tocava a *Marcha dos marinheiros*, essas coisas lá, mas assim “ó aquele cara do Brasil...”, tal. Então, eles gostavam da nossa música. Eles gostavam de ouvir. Eu nem sabia a letra da música, mas diziam “não, mas canta mesmo assim”. [risos] Eu inventava Cazuza, na época da música *Faz parte do meu show*, no estilo da bossa nova, e o cara dizia “canta isso”, “mas eu não sei a letra”, “então inventa”. [risos]

Alfredo – Ninguém tava entendendo mesmo.

Vagner – Aí eu inventava, né? [risos]

Adriano – Mas e aí, o Piauí tá carregado de que mesmo? O que é que o Piauí tem?

Vagner – O Piauí, ele tem... rapaz, o Piauí... Eu já entrei muito nessa onda de viajar... O Piauí é como se tivesse um grande diamante bem encravado, bem no meio do Piauí, e por esse diamante estar aí, a superfície vem toda áspera, vem toda cheia de espinhos, que é próprio da natureza. Quando tem uma coisa muito preciosa, ela cria mecanismos de defesa. Daí a explicação dos espinhos na rosa. Se rosa fosse sozinha, ela facilmente era depredada, né?, pela facilidade de colher. Eu acho que o Piauí, ele tem essa coisa, ele tem muita coisa que ainda vai ser descoberta. Eu não sei se é no subsolo... também... ou é... a gente sabe disso... Mas eu acho que no interior das pessoas tem muito isso. E vamos sair do Piauí. Hoje eu já saí do Piauí, entendeu? No meu trabalho, esse que eu tô fazendo agora, eu já não falo mais “cultura piauiense”, eu falo “cultura brasileira”.

Adriano – Mas esse teu CD...

Vagner - ... esse é Piauí, esse é Piauí, é.

Adriano - É... o teu trabalho dessa forma se chama “O Piauí contando histórias”.

Vagner - ...contando histórias.

Adriano - Foi uma despedida?

Vagner - É, exatamente. Despedida assim... pelo contrário, eu não tô abandonando a ideia Piauí, eu tô é aprofundando. Eu acho que pra aprofundar o Piauí em termos de lugar, lugar no Brasil, eu tenho que falar de

cultura brasileira. Acabou de dizer que eu sou piauiense, porque eu sendo piauiense, eu ainda vou tá puxando “olha gente, olha pro Piauí”. E eu acho que eu não tô mais nessa. E o Piauí não deve mais pensar assim, entendeu? Nós estamos em uma federação que tem os mesmos direitos, pelo menos na cartilha. E é assim que deve ser, então, eu já rodei em muitos lugares do Brasil, e as pessoas dizem ‘olha que legal essa música nacional aqui e olha aqui o regional.’ É aquela história que o Alceu Valença fala muito, que todo mundo ganha prêmio nacional e ele ganha prêmio regional. Nada contra.

Alfredo - Você acha que isso diminui um pouco a...

Vagner – [interrompendo] Não é que diminui, mas eu acho que é uma questão de educação, eu acho que é uma questão de... de educação que falta, sabe, conhecimento mesmo. Sabe, quando alguém diz assim “Teresina é capital do Piauí” querendo desdenhar, pra mim, dá vontade de dizer “olha, minha filha, o Acre é longe pra caramba, mas eu sei que Rio Branco é a capital do Acre (risos), aprendi isso na sexta série, sétima série, é básico isso em geografia. Então, não venha com essa onda, não, né? Vai estudar. Sei lá, eu acho que o... é assim que a gente faz. Eu nunca usei o discurso “o povo não valoriza a cultura”, nunca usei, sabe? Porque eu acho que não é por aí, o povo valoriza sim, o povo gosta. Agora, nós que produzimos, às vezes, fazemos isso muito mal. Eu acho que o Piauí fez muito mal em mostrar sua cultura aí, sabe? Eu vi muita coisa assim... não é por aí. Vou te dar um exemplo, uma vez eu estava numa excursão de um desses retiros de leis nacionais aí... e o cara defendendo “ah lei, não sei o quê...” aí um cidadão, um cara, um dos nós (risos), ele disse “olha porque a cultura do Piauí é a cultura mais não sei o quê, mais... mais...” eu fiquei ridicularizado. Não é, cara. Não existe um mais. Isso é ocidental, isso é uma ideia capitalista, uma ideia de dizer que “o mais barato ou o maior, o melhor.” Cara, esquece o mais, o melhor, o maior, faz o bom, daí já vai ser suficiente. Então, a pior coisa que esse cara disse lá, o músico, e

ele falou isso. Até o cara muito simpaticamente disse “você conhece a cultura de Santa Catarina?” O cara disse assim, né, pra dar um toque nele. Como é que ele pode falar que o Piauí é a melhor cultura se ele não conhece Santa Catarina, ele, certamente, não conhece São Paulo, o Rio de Janeiro e... é por aí, sabe? Então, eu disse, realmente... Então, não é defender Piauí, Piauí demais que nós vamos defender, nós vamos...

Alfredo - Bairrismo, né? Você é contra o bairrismo?

Vagner - Nesse sentido aí sim, cara. Quando exagera, acho que todo exagero, pra mim, ele não serve, não.



Zorbba - A respeito de alguns artistas piauienses, costumo dizer que são profissionais em ser amadores na questão da profissão em si. E como é que você vê a produção artística musical piauiense?

Vagner - Pois é, essa pergunta é bem difícil, é muito boa, é difícil. Primeiro lugar, eu não conheço, eu não conheço o todo. Então, eu vou falar do que eu conheço que, certamente é uma parcela. Tem muita coisa boa, tem muita coisa boa que foi feita num sacrifício imenso pra gravar, por exemplo, em termo de

música, né? Mas foi feito... eu não entendo, como você se mata cinco anos pra gravar um cd e não se preocupa na distribuição, sabe, desse produto, cara eu... o maior absurdo que eu acho é isso. Tem coisas boas que foram feitas com sacrifício, fez-se um lançamento no Teatro 4 de setembro, que não é democrático coisa nenhuma, numa quarta feira, quem foi viu, quem não foi, não foi. Nem foi registrado esse lançamento. Uma vez aconteceu isso, num trabalho do Cruz Neto que eu vi, digo: coisa boa isso aqui! aí ficou só naquilo. Quer dizer, tem muita coisa que é... não vai porque não tem planejamento de distribuição, entendeu? De articulação pra poder difundir. Nem tudo é bom, logicamente, por isso que entra no bairrismo. Se eu for defender que o Piauí é o melhor eu tô totalmente equivocado, porque nem tudo é bom, nem tudo de cordel é bom, tem muita coisa ruim de cordel, então... de música também... de tudo, de tudo. Em todo lugar, é como profissional, tem profissionais ruins em toda instituição. Então assim, eu acho que a maneira como você me perguntou aí, não dá pra eu responder assim, mas pensando bem, tem coisas que não foram bem utilizadas, sobretudo na distribuição, sobretudo na articulação de fazer a coisa rolar, sabe? Como músico, eu tenho percebido que, às vezes, é mais importante o repertório do que a própria voz do cantor ou o *rigorismo* do instrumentista, porque nós vivemos num mundo de estratégias, de visão, de marketing, de momento. Não sou ingênuo, sabe, pra dizer que não é assim. Então, vou te dar um exemplo, eu vou a São Paulo fazer um show, num evento cultural e eles me pagam, digamos, pra fazer um show, um show é uma hora e vinte... Eu chego lá tem tanta coisa, sabe, tanta venda errada do Piauí de uma vez só... é como aquele cara que vai conquistar uma menina e diz logo que (risos) sabe tudo. Então, assim, quando eu entro eu digo... você só tem que cantar essa cantiga, essa e essa, e dar tchau pra deixar um gostinho, pra poder... e é o que eu faço. Então, às vezes,... eu cansei de fazer show, no final do evento, o povo já está com fome, de saco cheio de Piauí, aí eu digo um poema de Dobal que é incisivo naquilo que eu quero,

puxo, eles gostam da primeira vez, da segunda, na terceira eu digo ta e tchau, vamos comer, pessoal. Porque é isso que eles estão querendo.

Adriano - Você falou aí no H. Dobal, poeta, e tem uma identificação muito forte no teu trabalho, com poesia, com cordel e, nesse aspecto, como é que você vê essa questão do teu trabalho, é um veículo, é um suporte pra palavra ou a palavra tá sendo utilizada como veículo para a sua música?

Vagner - Qual a palavra, como assim a palavra?

Adriano - A palavra, o poema, o discurso... o que predomina é o aspecto musical ou o aspecto literário?

Vagner - Não, no momento, eu acho que é mais literário. Porque esse trabalho bem aí que eu estou encerrando... encerrando a produção, mas a distribuição vai começar agora. Porque o cd, (risos) agora que está chegando. Então, assim, eu, propositalmente, eu fiz assim, eu disse o Piauí, analisei, friamente, o Piauí tem esses valores que eu vejo no Ceará, que eu vejo na Paraíba, que eu vejo em Pernambuco, mas, infelizmente, teve uma hora que o bonde passou e a gente não subiu e foi... foi natural. Aí eu disse 'eu vou fazer um esforço' e fiz, graças a Deus, me dei bem, porque não ficou pejorativo, sabe? Mas eu fiz um personagem chamado Piauí, sutilmente. Porque não dava pra eu também de repente sair daqui, olha gente, eu sou um filósofo maluco e tô aqui... então, eu disse eu vou criar um personagem chamado Piauí, que não seja caricato, que não seja... seja sutil. Mas eu precisava de um pouco de teatro pra poder exercer, aí montei um monólogo, também não chamei disso, né? Que era um cara com uma malinha de cordel e uma calça assim, uma sandália de... sei lá e ele soltava pra platéia, não música, eu era músico, mas eu soltava mais era cordel e puxando pra esse lance que faz alguém despertar: "cara é mesmo, né?" Quer dizer, a filosofia maluca que eu acho que é bem bacana.

Porque o doido, ele vê o óbvio que, às vezes nós não estamos vendo. Então, assistindo a um programa de eleição, de candidatos a vereador, numa dessas aí, eu me senti tão horrorizado que eu me diverti em cima daquilo. Gravei uma vez o programa e fiquei interferindo, fazendo... respondendo os caras, porque é muita bobagem, só eles falam, o cara não tem nem como dizer 'ei, tu tá errado'. Eu peguei um gravador, isso tá gravado lá em casa, em algum lugar, eu disse... quando o cara propunha a ideia, eu dizia 'não, não, isso não dá certo não' eu fiquei brincando, teatro pra mim mesmo, eu adoro fazer isso. É uma mistura que eu aprendi, que tem valor no mundo, inclusive isso é bem Ariano Suassuna: Do palhaço, do doido e do rei. O palhaço, essa questão de que o menino tem que brincar, cê tem que dar um chute, tem hora que não dá pra você ficar... que o cara dizia 'Quero fazer uma ponte do Pedra Mole ao Mocambinho', claro que foi muito benéfica a ponte, mas na época eu dizia 'Não faça isso não! Que se esses meninos já se matam nos reggaes de noite sem ponte, imagine com essa ponte, olha o tanto de jovem que já morreu com essas drogas...!'

Adriano - Ah é?

Vagner - Eu comecei por aí, o show era mais ou menos assim... eu puxava da malinha do cordel e dizia uma onda aí falava dos doidos da minha infância ou da minha cidade... Domingos Suvaco da cobra, que foi o cara, aí eu dizia por exemplo 'Ah! Falam que na Idade Média foi a idade das trevas, que não tinha luz, que o homem ... mas eu sei que tinha um bocado de teatro lá, não tinha? Rapaz, e eu tava olhando o centro ali de Teresina, teve ali um teatro escondido, rapaz, e só farmácia, farmácia, farmácia... que diabo de evolução é essa pra doença?' Tá entendendo? Então ele fazia essas reflexões, do que era a evolução, entendeu? Evoluímos pra onde? Quer dizer, trocamos o Teatro pelas farmácias? Será que isso de fato é evolução ou estamos curando o que sujamos? Sei lá...

Alfredo - Dizem que a evolução é quando tem mais biblioteca que farmácia, mais gente lendo e menos doente.

Vagner - Acho que estamos um pouco longe.

Laís - Agora é um bingo ali no lugar do Cine Rex, uma mudança interessante...



Alfredo - Teu processo de criação musical... Lembro como Djavan certa vez disse que compunha melodias e engavetava, e achava depois e colocava uma letra. 'Oceano', segundo ele, nasceu assim. Há outros artistas que escrevem o texto, ou pegam uma poesia pronta, como o Guinga, e musicam. O Chico Buarque diz que com ele já nasce junto, música e letra. E você, como é o seu processo de criação?

Vagner - Acho terrível musicalizar um texto, acho horrível. Assim é ruim, a não ser que o texto me chame, entendeu? E às vezes ele chama... Que o texto tem tanta musicalidade, é tão forte, assim, em geral os textos pequenos, né? E

já dá vontade de eu fazer... Mas realmente eu faço junto, até porque eu faço música pensando em quem tá ouvindo, sabe? Eu penso música assim no ambiente, não penso música num aspecto assim... será o quê que vai dar... não eu não faço música 'será o quê que vai dar'... Vou criando assim da necessidade, vou dar um exemplo: Eu estive agora fazendo um show em Oeiras e foi muito legal esse show, foi bacana, do jeito que eu gosto, num patamar pequeno e tal, onde você pode ouvir o povo. No outro dia acordei bem cedinho em Oeiras, uma cidade linda, e fui caminhar, daí fui lá num lugar chamado... a fazenda Canela, fica na casa do Canela, tem um poeta lá... a casa é grande, e aí eu 'Ôxe, aqui é o Canela!', e fui descobrindo eu mesmo, fui fotografando, aí fui atravessar um riacho que era certamente o Mocha, e cheguei num lugar chamado Travessa do Congo, ó que nome bonito, né?, Aí eu falei 'porra', aí tava lá assim a casinha bem, aquela cor azul, aquela coisa de interior, mas com cuidado, com zelo, a Travessa do Congo... já vi música naquilo, tenho que fazer uma ciranda pra isso aqui, pra quando eu cantar em algum lugar eu falar na Travessa do Congo, e não vou mais falar que é Oeiras não, tá entendendo a questão do Brasil? Que descubram que é Oeiras! Que lá tem um lugarzinho carinhoso chamado Travessa do Congo. Aí já fui criando a música, e graças a deus hoje tem o celular que pode gravar áudio, aí já fui dizendo: 'Desci do Canela, na Travessa do Congo...'

Alfredo - Quer cantar aqui?

Vagner - Aí é que tá, a música não tá feita, né? Isso que eu queria dizer, o processo é esse. Eu fiz uma estrofe, pela necessidade que eu senti, aí com certeza a música vai sair, só não te prometo se é esse ano.

Alfredo - Poderia dizer que o aspecto principal é a comunicação da canção, e não os aspectos estritamente musicais? É mais o ato de comunicar.

Vagner - Eu fiz música, sabe, mas essa questão, pra mim, envolve identidade. Simplificando, seria: nós somos um povo que tem uma certa convivência de alguma coisa comum. A gente memoriza isso. Cria uma memória disso, isso vai virar uma certa história e isso é o que vai nos identificar. Se por um momento nós não temos mais essa convivência, já não vai ter memória. Se não tem memória, também não vai ter história. Se não tem história, também não vai ter identidade. Então assim, é...é...é... eu acho que é a crise da memória. A famigerada crise da memória. É o que resulta nisso aí. Por isso que é difícil responder qual a identidade do Piauí. Porque se alguém perguntar do ano 2010 prá cá é uma coisa, mas se me perguntarem o que vai ficar, é outra coisa. Porque é o problema da coisa efêmera e da cultura...

Zorbba - Você pode falar um pouco mais sobre essa identidade?

Vagner- Olha, a minha preocupação é que eu vejo muita coisa se esvaindo e aí eu tô... é horrível essa palavra resgatando, eu nunca uso, mas assim... eu vejo que é possível trazer uma coisa que tem importância nesse processo, que tá praticamente arrefecendo, tá morrendo mesmo, eu vô lá . Vou dar um exemplo: o Divino. A Folia do Divino, que também é chamada de Divindade ou Festa do Divino é uma festa muito louca, cara. Por que ela envolve aí desde Aragão, sabe lá na... na... Espanha. É a questão da fé, que isso aí de certa forma na cultura popular tá presente demais nas manifestações, a maioria são formas religiosas, ícones de identificação com a crença, né? Mas, enfim, o Divino, ele aqui no Piauí, ele ganhou uma característica muito diferente do resto do Brasil. O Divino é pomposo. Lá em Divinópolis, que um dos famosos aqui da mídia, como se chama? Paraty, né? São Divinos famosos. Eles têm riquezas. Porque o Divino saiu do castelo, realmente tem o cetro, tem a coroa, tem tudo. Aqui uma senhora que tira o Divino aqui no interior do Piauí, Demerval Lobão, é muito mágico, porque ela continua com a mesma força, ela tem essas divindades nela. Ela fala dos santos, ela fala dos

santos assim... eu puxei por um santo meu fi, [riso], então assim, ela envolve, e ela é pobre, pobre, pobre, mas ela consegue tudo pra dar de graça pra população. Uma mulher que não tem nada... que consegue alimentar... dar uma festa pra 200, 500 pessoas. Com qualidade, com dignidade. Então, assim, têm vários valores que eu vejo aí, e quando essa mulher vai morrer um bocado de coisa vai morrer também, entendeu? Nós vamos perder. Tanto o processo histórico, o processo de conhecer como é que isso ai se transformou.

Diego – Será que esse conflito entre popular e erudito, ele não é mais um reflexo do conflito rural-urbano, de uma cultura mais ligada ao Piauí rural, ao Brasil rural, do que a uma realidade urbana de não ter mais tanto espaço?

Vagner - Rapaz, é outro problema. Eu costumo dizer que o futuro do mundo é rural. Aí complica tudo, né? Mas é! Sabe por que, cara? A cidade não vai suportar. Não tem sustentabilidade. Eu lembro que há 20 anos, quando eu vivi lá na Europa, já acontecia um processo inverso. As pessoas saíam da cidade. Eu morei num lugar que é uma colina. Era uma zona rural. Agora, o que é uma zona rural digna, que eu vejo que é o futuro? É você ter um caixa-eletrônico ali, é você ter correios, banco, internet, o que for. O que você precisar. Tudo no lugarzinho certo. Mas tendo um contato com a natureza, respeito. Eu acho que é imprescindível o contato com a natureza. Tem que ter. Tem que ter. Eu acho que o mundo é rural, cara. O mundo vai ser rural. Agora, rural não é o capenga. Rústico por necessidade não. Ele vai ser rústico por opção, sabe? [risos] Mas é isso. Então, caro Diego, É difícil, sabe? Porque eu não queria falar nenhuma verdade aqui não. Eu tô brincando de falar o que me vem na cabeça. É como eu penso.

Danilo - Como foi tua relação de artista voltado para a cultura popular e coordenador de uma pasta de cultura popular de um governo?

Vagner - Então, realmente eu tô feliz de ter estado lá... mas era muito pequeno meu cargo. Só tinha eu! Mas eu digo assim... eu me sinto feliz. Porque esse contato social me causa essa angústia que produz. Entende? Sabe o que é você reconhecer uma pessoa que tem arte! O cara tem arte ali, o cara... sei lá ... canta, fala... um brincante! E o cara não tem nada... Fica mendigando um cachê, uma ajuda. E eu acho que está tudo equivocado. Então, às vezes, quando eu vou como gestor, eu vou avaliar, eu digo: cara dá tantos reais por isso aí. O cara olha assim, como que diz: não, mas ele é pobre. Tô colocando palavras no pensamento. Tipo, não, mas esse cara... cara, o que é? Ganho um cachê grande pra caramba pra fazer um show ali rapidinho, não me custa nada. Esse cara passa o ano todinho montando o boi dele, pagando... entendeu? A questão de valores. Então, pra mim dói. É um lance dos cara montarem um grupo e ganharem dinheiro com isso. Com coisa boa. Entendeu? E não se vender necessariamente por qualquer coisa e sair da arte pra poder ganhar dinheiro. Então, tem sido difícil para mim porque não é fácil você convencer alguém desses valores. Mas eu tenho feito alguma coisa que tem me deixado feliz.



Diego - Você falou que ganha dinheiro com a música, que dá pra se sustentar com a música. Então, você é professor pensando na sua sobrevivência, porque há casos de artistas que são artistas e precisam trabalhar com outra coisa pra garantir o sustento. Você é professor por essa razão ou por outra?

Vagner - Boa pergunta! [riso] Porque esse processo aí de valorização dos artistas vem meio torto, né? Aí eu vou decidir viver da arte? Porque, pra mim, ser professor, da maneira que eu trabalho, eu tenho muita liberdade como professor. E isso me satisfaz muito. Eu crio com os meninos, sabe? É muito bacana trabalhar como eu trabalho. Agora, de que professor eu tô falando? Eu tô falando de um professor que tem oito aulas por semana. Um professor que é prazeroso... sabe? Eu acordo cedinho e dá vontade de ver os meninos e dizer: “cara, hoje é dia de Nossa Senhora das Candeias, você sabe quem é Nossa Senhora das Candeias?” E brincar com eles. E dizer: “dá um chute no balde”, assim, entendeu? Aí quando dá 9h... quer dizer, eu dou três aulas e já vou pra outro trabalho. É maravilhoso! Por isso que eu acho que a educação, se ela fosse encarada assim, com prazer e seriedade, hein, porque é um negócio sério pra caramba. Me preocupa dar aula amanhã de manhã. Eu vou pensando “como é que eu vou abordar esse assunto”, mas assim, pra mim, tem essa questão da segurança também. Tem a segurança, sabe. Aquele emprego em que você tem um salário fixo, porque como músico, embora eu ache que não tenho que reclamar, eu não tenho show todo dia, que vai garantir aquilo, né? E às vezes os caras não pagam (risos), e às vezes o cachê é com num sei onde, vai demorar...

Adriano - Tem muito calote?

Vagner - Tem, tem calote sim... mas num preciso falar nome não, todo mundo sabe. E tem calote de artista também.

Adriano - Como assim? O artista também caloteia?

Vagner - O artista não, as pessoas que trabalham com arte, né? O cara chega pra você e diz assim: “vamos fazer um trabalho assim, e tal”, “vamos fazer essa produção aqui. Você apresenta uma filmagem, um projeto, ou então um documentário...”

Adriano - Ou uma entrevista... (risos)

Vagner - É (risos). Uma entrevista pra mim, eu vi muito, eu num quero nem comentar! Mas assim, o cara diz “olha”, e tal, e depois diz, “olha, num saiu ainda porque é o fulano de tal que vai pagar” (riso). E eu num sabia... ah, vá pra lá!

Adriano - Como é essa relação dos artistas com os produtores locais aqui?

Láis - Justamente, só complementando, porque tem muito a ver com a sua pergunta. A gente escuta muito que entre os artistas piauienses tem uma desunião. É uma classe muito desunida. Escuto quase todo dia.

Como é que tu vê isso? Como é que tu sente isso?

Vagner – Éu vejo diferente. Pra mim, é um problema meu, sabe? Nesse momento aí eu tô em cima do muro mesmo, entende? Porque eu vejo essa briga e num todo partido não, sabe. É igual quando é... briga que eu digo assim, imagina, bobagem sabe, que eu acho que passei. Aí eu num vou... o cara “ah, fulano é num o quê”, aí eu nem escuto, cara. Então, pra mim, essa briga aí é uma das coisas piores que aconteceram também pra que não deslanchasse (a arte piauiense), entendeu. Eu vou dar um exemplo visual: você pega um galho, um graveto, e mande alguém quebrar. Alguém quebra facilmente. Agora pegue assim dez gravetos, doze, junto num ‘móio’ assim e mande a pessoa quebrar. Num vai quebrar, entendeu? Então, essa desunião de

que você tá falando, eu nem quero acreditar muito nela, porque eu sou meio assim, de, sabe, aquela coisa de neurolinguística: eu quero falar acreditando que vai dar certo. Pra mim, não existe mais essa briga, porque o que existe é tão insignificante, que dá na cara que isso não rola, entendeu. É igual ao picareta. Não tem os picaretas? Tem aquele cara que, sei lá, picareta, picareta num precisa falar, né? É o cara que pede dinheiro pra fazer um trabalho e faz pela metade, embolsa, faz algum trabalho de qualidade duvidosa. Quer dizer, essas coisas. Ou então que enrola, ou que usa da influência pra... [pausa] Então, eu, como gestor dessa pequena coisa lá, eu tenho também essa oportunidade de dizer “cara, você num gosta de fulano? A banda dele tem que tocar ali e eu vou chamá-lo”. Então assim, quando eu posso fazer isso, ah, eu faço, entendeu. “Ah, num chama mais “Os oliveiras” não, porque todo mundo vai dizer que tu tá puxando o, que tu só chama ele”, mas se ele que tão fazendo o que serve ali, entendeu! É a democracia falsa, sabe. Como eu já fui barrado. Eu ia pra um negócio sei lá onde, em São Paulo, num sei onde era, aí alguém disse “mas ele já foi no ano passado”. Eu falei “meu Deus do céu, as pessoas tão brincando de papai e neném, que o papai dá um brinquedo pra um e...”, cara, se fosse pra pensar assim, a seleção brasileira tinha que mudar a cada jogo, porque “pô, os caras viajaram pro Chile, entendeu, no outro jogo, agora não...”. Num é assim que se trabalha arte. Cê tem que fazer uma coisa... pô, aí é ser muito burro.

Adriano - Como é, assim, a sua relação com a tua banda? Como é que tu encontrou esses caras?

Vagner - Muito doida, muito doida. Em primeiro lugar, não tem ensaio. Já é tudo doido por aí. E eu, aí vão me chamar de desleixado. Por um lado é, mas por outro, tem uma coisa gostosa, sabe? Porque eu gosto muito deles e eles estão lá não só pelo dinheiro, até porque era melhor procurar outro emprego, mas eu digo assim...

Adriano - Não tá dando calote neles não, né?

Vagner - Dou não, calote não. Dou não, dou não [risos] O calote é ao contrário, não saem os cachês e eu fico adiantando e às vezes entra na pindaíba...

Adriano - Certo, a gente vai acreditar...

Vagner - [risos] Mas é o seguinte, a relação com eles é muito boa. Tem uma regra pra entrar na banda. Quando eu fiz o “Valor de PI”, eu pensei exatamente nisso. Eu não quero um contorno fixo não, sabe? Eu não quero uma banda que diga “não, nós somos seis pessoas e a linguagem é essa e acabou-se”. Eu disse “eu quero 3,14 e a reticência é o que me interessa”. A base sou eu, o 3,14. Aí tem as pessoas, o Beto, por exemplo, que é o cara que começou comigo sonoplasta, assim, sabe, colocando música no começo das poesias, e depois eu disse “Beto, vamos tocar aqui que cabe”, aí ele tocava bandolim... então os meninos da banda têm um critério, que é não pensar em dinheiro necessariamente, porque isso vem naturalmente. Nunca dizer “quanto é” ou “quanto vai sair”, eles não falam isso, e eu também não acho legal isso. É, musicalmente, eu joga a coisa nas mãos deles às vezes no meio do show e é muito engraçado, sabe, você improvisar musicalmente, que é diferente do improvisar sem nada. De repente me dá uma louca de “cara, essa música cabe bem aqui nesse verso”, como eu vou pela poesia às vezes, aí eu canto e num tem esse negócio de “qual é o tom?” não. Por muito, eu ainda mostro assim em qual tom eu tô e vai. E eu brigo no meio do show com eles, sem ninguém ver. Eu digo: “fela-da-puta” (risos), mas numa boa. Brigo assim... mas na brincadeira, sabe. Adoro, nós somos muito família. E eu num quero muita gente na banda não. Não tem contrabaixo, nada contra os contrabaixos, mas eu sei lá, eu acho...

Adriano - Um outro tipo de formação, certo?

Vagner - É. A rabeca, eu me encanto com a rabeca, por isso eu num quero, né? A sanfona também é bom, mas às vezes, se num tiver, inventa outra coisa. Sabe aquela coisa experimental? Eu queria muito, Adriano, eu gosto muito da loucura do Tom Zé, sabe? Eu admiro o Tom Zé. Assim, quando ele brinca de fazer música ali. Quando ele diz pro cara que tá gostando da música, que a música num, sabe, que ele fez com a participação dele ali, eu acho legal isso aí. Claro, sem pretensões, mas assim, eu num queria que a música viesse pronta demais ao ponto de eu dizer “não, num dá pra terminar agora, porque a música num vai...” não! Se for preciso eu paro no meio da música e, sabe...

Alfredo - Mais uma pergunta aí, terminando esse tema. O que seria a “música piauiense”?

Vagner - O que seria?

Alfredo - É uma música que saúda o Piauí? É uma música feita por piauiense? O que que é a música piauiense, ou não existe música piauiense, existe uma música mundial, brasileira?

Vagner - O grande problema é esse, é que, pra ser piauiense, fala-se muito em “o Piauí, o Piauí”, e não é por aí. Assim, você só tem que ter músicas boas...

Alfredo - Independente do rótulo?

Vagner - É. E deixa o pessoal dizer “ah, é do Piauí?”. Os melhores elogios que eu recebo são assim: “o senhor é do Piauí?”

Adriano - “Você é do Piauí MESMO?”

Vagner - [risos] Pois é. Eu digo “tá vendo como o Piauí é...”. Hoje, antes de vir pra cá, eu fui comprar um vinho ali, aí o cara do vinho me abordou lá. E falou “ei!”. Aí eu pensei “é ex-aluno”, que eu já sou professor há muito

tempo, lá no Santa Maria da Codipi, aí eu vi que o nome dele era Ricardo e falei “Ricardo...”, tentando lembrar, e não era (ex-aluno). Aí ele disse que viu um show meu lá, num negócio aí, e aí ficou falando, né, ficou falando assim, e tal “pô, cara, o Piauí de que você fala é o Piauí que eu quero”, ele disse. Porque num é um Piauí coitadinho, entendeu. “Olhe, é importante, valorize!”. Esse discurso num vai. Tem que dizer assim ‘pá bufo’! Aí “quem é?” Aí o cara vai ver que tu misturou Dobal com...

Alfredo - Com o escambau... [risos]

Vagner - Com o escambau! [risos]Entendeu?

Adriano - E rola?

Vagner - Claro que rola! O próprio Dobal fazia isso. Sabe, o Dobal gostava de comer um carneiro lá no interior, tomando banho de riacho. Bem aqui, no mato onde eu vou, aqui-acolá. E eu ouço as histórias dos caboclos falando isso, que uma vez colocaram um na carroça pra ele, acolá, quando ele tava bem debilitado. E isso, um homem desses, cara, tem que ser...

Zorbba - Voltando um pouco para a música piauiense de qualidade. Não apenas música piauiense, mas de qualidade. Pra produzir, o pessoal tem sempre esse primor pela excelência, para produzir o “bom”. E como é que essa produção em si ... existe uma questão dos dois lados. Existe uma questão dos artistas piauienses, no caso os músicos, deles contarem sempre com o apoio institucional. Isso não chega a limitar? Não chega a ser um objetivo para alguns, se preocupar sempre com o apoio institucional ou invés do público?

Vagner - Não é ruim isso aí, cara? Eu tava vendo o jogo do Barcelona... [riso] Barcelona, ele é o patrocínio, né? É ele quem vende o nome. Quer dizer, vamos falar do futebol, né? Cara, um futebol que fica pedindo o tempo todo...

que diabo é isso? Então assim, eu sou contra, cara. “Ah, o Governo...”, que Governo?! Pelo amor de Deus! Governo? Governo tem de me pagar quando eu fizer um serviço pra ele, assim, ele tem que me valorizar nesse ponto, porque se eu ficar esperando por ele, ele vai me usar. E eu acho que é o que acontece infelizmente com os grupos populares, assim, né? que não têm essa ideia de projeto. É que eles ficam esperando um cachê que, por outro lado, eles ganhariam aquilo numa apresentação. Tô te falando de coisas reais. Então, realmente esperar pelo Governo não é saída, não é. Essa esmola é super-prejudicial, eu diria, porque ela cria vícios e cria essa coisa que o Brasil tem muito, que é a cultura esperando pelo Estado. Estado... não rola.

Zorbba - E sendo esse o único ponto de produção no Piauí? A única possibilidade de produção no Piauí hoje em dia? Como é que isso pode ser cortado?

Vagner - [rindo] É complicado. Aí complica. Eu não sei, cara. [sério] Eu acho que se a gente tivesse como trabalhar a distribuição... seria a grande sacada, porque... eu vou falar de casas populares... Eu fico horrorizado quando alguém diz que vai construir mil casas populares ali, sabe? Porque, na minha cabeça, é igual criança. Criança pensa assim: “como é que vão derrubar essas casas aqui se o pessoal tá é precisando de casa?” entende? Como é que cê vai construir um monte de casinhas pequenas ali para botar um povo lá, sem estrutura cultural nenhuma, sem pátio, será que vai dar certo isso? Não vai. Então, eu tô te dizendo certas coisas... essa idéia de emprego e renda, pra mim, é a pior propaganda que o Governo pode fazer. Emprego e renda... Emprego e renda não é sinônimo de evolução nenhuma. E nem de qualidade de vida. Não é, cara. Não é. Emprego e renda... Não é mesmo. A gente tinha que oferecer outro objetivo pensando na qualidade. Na qualidade, que eu tô falando, na qualidade social. Então, eu acho que a distribuição da música

seria... nós temos coisas boas que daria para fazer uma boa distribuição, eu acho. [breve silêncio] Música faz mal. Música faz muito mal. É.

Zorbba - Eu já ia te perguntar se a música poderia influenciar na qualidade de vida...

Vagner - Poderia não. Pode. Mas música faz muito mal. Eu disse isso aí agora... Eu fiz agora uma sequência de shows pelo interior, sobretudo no Sul do Piauí, e eu dizia, “gente, música faz mal”, aí eu deixa o pessoal pensando, para depois puder dizer: “cara, a gente tá ouvindo muito música... ruim.” Até sem querer. Ouvindo sem querer. Tem uma experiência que eu fiz... inclusive o Adriano me presenteou com um CD com algumas músicas que ele tava ouvindo. Acho que é um presente muito carinhoso que alguém pode passar para alguém hoje em dia. Pela facilidade que a gente tem de copiar as músicas, de fazer uma seleção. É você pegar... eu vou dizer: “cara, eu vou pegar duas músicas do fulano, uma música do fulano, desse aqui dá pra tirar uma, desse aqui dá pra tirar três.” Eu acho muita música num álbum, sabe, fazendo assim como eu tô dizendo, essa seleçõzinha. E dá pra alguém ouvir. Isso é a seleção. É como se faz uma leitura. Você não sai lendo qualquer porcaria aí. Faz mal. Então, música faz muito mal do jeito que se está ouvindo. A minha filha hoje perguntou: “pai, o silêncio é música?” Ela tem seis anos. Eu achei linda essa pergunta. Aí eu disse, “é, minha filha.” Aí ela disse: “mas como é que a gente vai ouvir, pai?” Aí eu disse, “não, é que esses silêncios aí, eles também são música, porque na verdade quando você faz silêncio, você escuta outras coisas.” Aí na hora uma rolinha fogo-pagô cantou, e aí eu mostrei pra ela. Então eu acho que nós estamos numa fase que me preocupa a evolução. Porque se a gente consumir mal tudo isso aí, vai acabar fazendo muito mal. E música, eu acho que é uma das coisas que mais vai assim sem critério, sabe? Cara, é igual comida. Comer faz mal também, né? Do jeito que tá se comendo por aí...

Adriano - Estaríamos cegos de tanta luz?

Vagner - Demais. Você vai no supermercado e tem cinquenta tipos de xampu. Na minha opinião, é mais difícil para o cara escolher. Eu não sei se estou sendo anti-progressista assim, eu não sei. Mas eu acho que devia ter assim... ética... sabe... “Cara, precisamos de cinco xampus... porque fizemos um estudo e... e, de fato, precisamos...” Mas cinquenta xampus, porra?! Eu vou pelo preço...

Adriano - Exatamente. Isso é a concorrência.

Vagner - ... e me lasco, né? Por que o cara... [risos]

Adriano - Por que quer sempre o mais caro? [risos]

Vagner - [rindo] Não, porque aí, então... tá entendendo? [risos]

Alfredo - Você não acha há muita facilidade para produzir? Todo mundo pode produzir música em casa e jogar tudo na internet...

Vagner - Pois é, cara. Aí é um problema, sabe? Eu conversava com um jornalista e eu perguntei para um cara por que, com a formação que ele tinha da importância da comunicação, aqueles princípios básicos, porque quando você estuda comunicação você vê que é beleza que não é a difusão, isso e aquilo, e o cara disse, “não, mas eu tenho que vender o que a minha empresa tá vendendo.” Aí eu disse tchau.

Danilo - Vagner, eu estava na semana passada na fila de uma clínica dessas da vida, e vi uma entrevista tua sobre direitos autorais.

Vagner - Pois é...

Danilo - Qual é essa tua relação entre direitos autorais e distribuição? Como é que tu pensa isso em relação ao teu trabalho?

Vagner - Eu penso que deva haver uma certa ética. Liberdade é uma coisa, liberdade de expressão é uma coisa, mas burlar tudo assim em prol dessa liberdade, aí já... por exemplo, direito autoral é um fato, né? Vamos sair da música e vamos para a literatura...

Adriano - ... mas estamos falando de uma maneira geral. Por exemplo, o fato que você relatou há pouco, de eu dar um CD, digamos, pro Alfredo, com as músicas que eu tô ouvindo...

Vagner - Não. Não é isso o que eu tô te falando. O meu acesso à informação é uma coisa, mas eu tenho que ter um meio, um limite onde eu possa me sustentar como produtor. Então, imagine que tu escreve um livro e teu livro pode ser xerocado a torto e a direito? Não tem regra num livro? Ao que me parece, é possível xerocar um livro dada a carência de edição ou intuito educativo... não? Não tem uma regra? Ou algo que a gente possa chamar de bom senso? O cara diz, “ó, eu... não... eu vou xerocar porque não tem mais esse livro.” Então é por aí. Não tô dizendo que é a mesma coisa, mas se eu baixar uma música que está disponível para mim, ótimo. Agora, se o cara quer vender... se o cara...

Adriano - ... e se o cara quer comprar um CD do Vagner Ribeiro piratão?

Vagner - Vai comprar. [risos]

Danilo - O [cineasta] Douglas Machado disse que o sonho dele era topar com o [filme] *Cipriano no camelô*...

Alfredo - É que a pirataria democratiza... [risos]

Vagner - É. [risos]

Danilo - E o [cineasta] Cícero Filho conseguiu piratear ele mesmo.

Vagner - Pois é.

Danilo - Ele conseguiu distribuir. E também outros artistas, muitos conseguiram chegar onde não chegariam... e foi através da pirataria.

Vagner - Não, cara... [risos gerais] Não, cara, eu acho ótimo. Eu tô desse lado. Agora, eu não posso dizer que sou a favor da... que sou contra os direitos do autor... não sou. É um princípio, cara. É um princípio. Chiquinha Gonzaga, lá no começo do século XX, lutou por isso. Eu vou tá jogando contra uma classe que precisa, são trabalhadores.



Alfredo - Se o teu CD custasse dez reais, e você tá vendendo, e um amigo pede uma cópia, ...

Vagner - Acho que tudo tem um preço. Vamos fazer o seguinte, o CD custa quinze reais, aí eu vou fazer uma promoção de não sei o quê... ah, não, é pra

Educação, pra Educação tá liberado... então eu vou fazer o quê? Tem que ter uma regra, não pode é ficar assim, porque tudo que fica solto demais, aí, bicho, não fica benéfico não. Vamos falar de liberdade de imprensa. Eu tenho duas filhas pequenininhas, e sabe o que eu sinto? O que os pais, o que alguém que se preocupa com a formação sente. Na televisão, tem hora que vem uma música que eu digo “essa música aí não vale a pena não.” Aí eu vou proibir a televisão? Eu tenho que criar um meio de dizer...

Danilo - ... de criar alternativas para...

Vagner - Tem que ter alternativas. E seria bom se a gente criasse isso de uma forma aberta. Que as pessoas deixassem esse ranço da ditadura, de achar que tudo é ditadura. Nem tudo é ditadura, acho que...

Laís - Como fazer essa educação mais sensível com pessoas que têm tantas opções?

Vagner - Hoje, nós temos que “desescolher”.

Laís - Música tem preço?

Vagner - Música tem preço? Tudo tem preço. Eu chamo de valor, né? Aí você converte pra moeda corrente. Tudo tem valor. Às vezes até pra tocar eu pago, e pago um preço. Sabe o que acontece, era melhor eu tirar, por exemplo, trezentos reais do meu bolso, com toda sinceridade, e fazer uma doação para alguma instituição do que dizer que vou tocar lá de graça pra eles. Por quê? Porque, quando é de graça, já não vai ter som legal, já não via ter aquele empenho, as pessoas já não vão valorizar tanto. Então, eu acabo fazendo um investimento ao contrário. Acredita nisso? Eu tocar num som ruim bem aqui, acabo minha voz, aí no outro dia eu já tenho que me cuidar,...

Alfredo - ... não passa uma boa impressão...

Vagner - ... não passa uma boa impressão, a música não é de qualidade, então tudo isso aí tem preço. Quando você vai fazer qualquer coisa, você tem que ponderar isso aí.

02 de fevereiro de 2012, 19h. CEPP, Círculo de Estudos Psicanalíticos do Piauí
Entrevistadores: Adriano Lobão Aragão, Alfredo Werney, Danilo Medeiros, Éverton Diego, Laís Romero, Zorbba Igreja
Fotografias: Danilo Medeiros
Filmagem: Éverton Diego
Transcrição: Adriano Lobão Aragão, Éverton Diego, Luciana Rodrigues, Assunção Almondes, Laís Romero